

## **Jornalismo: poder disciplinar**

*Mayra Rodrigues Gomes*

Quando olhamos as páginas de um jornal, percebemos, espontaneamente, sua propensão a delinear, ou eleger, os acontecimentos merecedores de nossa atenção. Assim nos aparece seu potencial de direcionar e estabelecer tendências, quanto aos modos de compreensão assim como quanto aos modos de ação diante das casualidades.

E não poderia ser de outra forma, pois o jornalismo tem, entre outras, uma origem panfletária que conclama à ação política, que congrega em torno de ideais e mobiliza em direção a lutas. Ele conserva esta espinha dorsal, ainda que muitas vezes só insinuada pela posição ideológica das empresas jornalísticas, que, no entanto, se torna evidente, como marca das últimas décadas, no viés da crítica, da denúncia, da vigilância, do apelo à justiça.

Esta gênese e estrutura parecem, à primeira vista, uma proposta ideológica intrínseca ao jornalismo ou, até mesmo, sinais de uma natureza humanística. Mas, é preciso explorar sua perspectiva humanista, lembrando do contexto de expansão do jornalismo, para compreendermos sua verdadeira natureza.

Tal contexto diz respeito à proposta iluminista que compreende uma política de supervisão que tem o olhar, a visibilidade, como ponto estratégico. Do ponto de vista da filosofia das luzes, a visibilidade (ou o saber e a contabilidade das coisas que acontecem) geraria, em automatismo, a transparência, a depuração, o conhecimento, a superação e a emancipação.

*“No fundo, foi o jornalismo - invenção fundamental do século XIX - que manifestou o caráter utópico de toda esta política do olhar.”*  
Foucault (2001: 244)

Mas, como nos lembra Foucault, face ao ideal iluminista, o jornalismo, justamente por sua capacidade de trazer a visibilidade, mostra outra face desta política do olhar. Para perceber esta outra face, basta lembrar que o mesmo século é um ponto de inflexão, marcado pela instalação progressiva de dispositivos de supervisão e controle, calcados numa política de vigilância.

Esta progressiva prevalência dos dispositivos disciplinares levou Foucault a apontar o surgimento de um modo especial de instalação e manutenção do poder, compondo um tipo de sociedade que ele chamou de disciplinar. Com isso compreende-se uma forma de organização social baseada na norma e na educação, ou melhor, na adequação e funcionalidade dos indivíduos em relação às normas vigentes.

Foucault nos lembra ainda que “A disciplina é uma técnica de exercício de poder que foi não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Historicamente as disciplinas existiam há muito tempo, na Idade Média e mesmo na Antiguidade. Os mosteiros são um exemplo de região, domínio no interior do qual reinava o sistema disciplinar. A escravidão e as grandes empresas escravistas existentes nas colônias espanholas, inglesas, francesas, holandesas etc., eram modelos de mecanismos disciplinares. Pode-se recuar até a Legião Romana e, lá, também encontrar um exemplo de disciplina. Os mecanismos disciplinares são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens” (2001: 105).

Ora, essa majoração das disciplinas corresponde a outras estratégias educo/administrativas que se instalam por esta época. Sob esse ponto de vista, e considerando a temporalidade de sua origem, o jornalismo se revela, duplamente, como instrumento de disciplinaridade.

Por um lado, ao instalar campos reincidentes, aponta os temas a serem privilegiados, em outras palavras, os temas a que seu público deve dar atenção. Seus relatos anunciam, implicitamente, aquilo que é importante para a vida dos leitores.

Ora, o critério de importância, que serve de baliza para a escolha dos fatos a serem enfocados, simula uma inocência que lhe é completamente estrangeira.

Como explica Deleuze, “As noções de importância, de necessidade, de interesse são mil vezes mais determinantes que a noção de verdade. De modo algum porque elas a substituem, mas porque medem a verdade do que digo” (1998: 162).

Antes de qualquer seleção dada, perguntamo-nos sobre o que é importante e para quem o é. A importância, assim como implica escolha, ou a escolha segundo *o dado a ver* de uma época e lugar, serve de baliza para o que é apontado como a verdade do que é posto em visibilidade. Sendo a importância não o fato em si, mas sua implicação na rede institucionalizada, qualquer investigação, qualquer vigilância, faz o desenho do

espaço a ser vivenciado procurando lei e ordem e, dessa forma, disciplinando naquilo que ela procura.

A seleção por si só coloca o jornalismo numa posição privilegiada na tarefa disciplinar. Mas, e por outro lado, cada tema selecionado é o ponto em que estarão dimensionadas as coordenadas da boa conduta. Ainda que os assuntos escolhidos sejam grosseiros, ou sensacionalistas, e revelem aspectos negativos de nossa sociedade, os modos abalizados são, sempre, demonstrados, muitas vezes pela própria negatividade.

Em separado ou em conjunto, as chamadas perfazem os caminhos da educação e da disciplina. Do apelo ao Estado ao apelo à responsabilidade individual, delinea-se a ordem desejável, modo com que se induz à interiorização de uma concepção específica do desejável, vale dizer, formatada no aceitável.

Se prestarmos atenção à construção textual jornalística, mostrar-se-á notório o fato de que, como se espera de informações dadas na primeira página, todas as matérias são do tipo assertivo/constatativo e, como tal, se equacionam em torno de um narrador em ausência, pelo recurso à composição em terceira pessoa.

Ora, os discursos assertivos/constatativos, proponentes de um dizer como informação incontestável, são justamente aqueles que pretendem não deixar margem a contrapontos ou mesmo a um diálogo, sendo disciplinares por excelência como efeito de sua forma de construção. Onde Deleuze e Guattari afirmam que “Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é “necessário” pensar, reter, esperar etc. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas – o que é bastante diferente – transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que o enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado” (1995: 16/17).

Entretanto, voltemos à questão da visibilidade com a qual as mídias, e não somente o jornalismo, assumem um papel crucial como disciplina e controle, como promotoras/mantenedoras de escalas de valores, como *vigilantes*. Temos que pensar visibilidade e vigilância em seu duplo papel: um em que expõem a todo o momento os conflitos, outro em que definem a esfera de equilíbrio em que esses conflitos se diluiriam. Enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira do mostrar, enquanto mostram, elas controlam pelo próprio mostrar. É em relação à disciplina que se diz que se não passou pelas mídias não há poder de reivindicação; é em relação a controle que se diz que se não passou pelas mídias não existe.

Se aplicarmos toda essa lógica à visibilidade dada aos idosos, poderemos tecer algumas constatações e considerações. Em primeiro lugar, nunca antes o tema dos idosos foi tão particularmente visitado. Claro que há condições históricas para tanto: a longevidade, ou o aumento da população de mais idade, ao lado de políticas públicas e de um ideário que incitam à preservação dos direitos e ao respeito com a diversidade.

De qualquer modo, o tema instala a realidade, ainda que seu impulso venha da própria realidade. Contudo, observemos um pouco mais os modos como esse grupo etário é abordado. Esta obra, monitoramento feito a “muitas mãos e cabeças diversas”, revela como a velhice e o envelhecimento são vistos. A título de exemplo, e “aperitivo” para a leitura deste livro que chega em tão boa hora, examinando a Folha OnLine, nas duas últimas ocorrências do tema, antes da escritura destas páginas, vê-se a ênfase dada à questão da saúde, das estratégias a serem implementadas, individual ou coletivamente, com o objetivo de prolongamento de boas condições físicas.

A matéria do dia 20 de abril de 2009, “Praticar exercício reduz quedas em idosos”, de Julliane Silveira, fala de atividades restauradoras: “A prática de atividade física reduz as chances e os índices de queda de idosos. Uma meta-análise da Cochrane Collaboration (rede global dedicada à revisão e análise de pesquisas na área da saúde), que analisou 111 artigos científicos e dados de mais de 55 mil pessoas, constatou que um programa de exercícios realizados em casa ou em grupo e tai chi chuan são mais eficazes para prevenir tombos do que mudanças na casa e uso de suplementos de vitamina D.

Quedas são frequentes nessa faixa etária. Em geral, 30% das pessoas saudáveis com mais de 60 anos caem durante um ano. Acima dos 80 anos, a taxa sobe para 40%. “As quedas são mais perigosas porque os ossos estão mais frágeis. O reflexo é menor na terceira idade, e há mais tendência a fraturas. Além disso, a cicatrização é mais lenta e complicada”, diz o ortopedista Moisés Cohen, professor e chefe da residência de medicina esportiva da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). Só na cidade de São Paulo, por exemplo, 2.261 idosos foram internados de janeiro a novembro de 2008 por fratura de fêmur - a queda acidental foi responsável por 93% dos casos.”

O texto prossegue, dando dicas de bem estar e segurança, com uma listagem de exercícios e usos apropriados, que inclui desaconselhar o uso de tamancos, chinelos etc.

Em 27 de abril de 2009, o mesmo veículo noticia que “Cientistas chineses desenvolvem robô para cuidar de idosos”. Autoria de Peter Steffen, a matéria prossegue contando que “Cientistas chineses do Instituto de Tecnologia de Harbin, nordeste de

país, finalizam os detalhes para lançar em breve no mercado um robô projetado para cuidar de idosos que vivem sozinhos, informou no domingo (26) a imprensa estatal chinesa”. “O robô, que custará entre 30 mil e 50 mil iuanes (entre US\$ 4 mil e US\$ 7 mil) levará comida e remédios, ativará alarmes caso haja vazamentos de água ou de gás na residência e mandará mensagens de texto ou vídeo para a família e amigos. Além disso, a idéia é que o androide faça "companhia" para o idoso, cantando canções ou jogando xadrez.

Em ambos os casos são mostradas a fragilidade, a necessidade de assistência, a condição de solidão dos idosos. As duas matérias enfatizam “programas de vida”, para prolongar a vida e, por isso, são nitidamente disciplinares em relação aos idosos assim como em relação à população em geral, no que diz respeito à representação social do idoso.

Contudo, ao lado da confirmação da propensão disciplinar não deixemos de notar que as matérias citadas, aqui a título de exemplo dentro de um vasto campo de produções apresentadas neste livro, recaem sobre a condição de precariedade e a preservação da vida em situações desfavoráveis. São poucas as que falam da vida enquanto experiência que não cessa até o dia em que a própria vida deve cessar. Fato que equivale a falar do idoso, ainda que seja sob o princípio da preservação da vida, sempre a partir da perspectiva de uma morte já anunciada.

### **Referências**

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1998.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

*Data de recebimento: 05/02/2009. Data de aceite: 18/07/2009.*

---

**Mayra Rodrigues Gomes** - Professora Titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. Possui Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela

Universidade de São Paulo, Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Pós-Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Livre Docência em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Autora dos livros: *Repetição e Diferença nas Reflexões sobre Comunicação*; *Jornalismo e Ciências da Linguagem*; *Jornalismo e Filosofia da Comunicação*; *Ética e Jornalismo: uma cartografia de valores*, entre outros. E-mail: [mayrarg@uol.com.br](mailto:mayrarg@uol.com.br)